

A construção de uma saúde sustentável

» PAULO SÁ

Médico, é coordenador do curso da Faculdade de Medicina de Petrópolis

A medicina precisa estar mais conectada com a sustentabilidade. A construção da saúde sustentável é alvo a ser perseguido por todos na perspectiva do prolongamento da existência humana na Terra. No entanto, nós nos afastamos do verdadeiro conceito do que é saúde. Falamos de profissionais de saúde que na verdade são profissionais em doença.

As faculdades pouco ou nada discutem sobre projetos em saúde, no sentido de programas de vida saudável, qualidade de vida etc. O meio médico se orgulha de dizer que trabalha muito e não tem tempo para almoçar ou fazer exercício, como sinal de ser bom médico. Ledo engano!

Trazer a dimensão da sustentabilidade para o meio da saúde é enorme desafio. Por princípio, a vida do profissional de saúde é insustentável, assim como a do professor que o forma. Como, então, construir a noção de sustentabilidade sem considerar o drama de sobrevivência do indivíduo e sua limitação de visão de mundo e de nível de consciência?

Parece ingênuo acreditar que está tudo correndo bem, quando o ano de 2013 foi o mais quente já registrado no planeta, quando o Polo Norte derreteu no verão do ano passado e assim por diante. Estamos antecipando a entrada na era glacial, em uma velocidade que desconhecemos. Diante desses fatos, o médico ainda acha que vai assistir tudo de camarote, do seu consultório? Como provocar os jovens em relação à dimensão do problema sem tirar a esperança?

No caso de um curso de medicina, a relação com o meio ambiente e a vida deveria ser natural. Nem sempre é assim que funciona na nossa sociedade capitalista. É preciso trazer o aluno para a reflexão sobre que sociedade busca construir no futuro. Hoje, uma minoria (que vem crescendo) se conscientiza de que o dinheiro não é a única mola mestra. O contato do aluno com a saúde pública o ajuda a ter outra visão da realidade.

No primeiro momento, a tendência é achar que o problema é daquela localidade pobre, das pessoas que ali vivem e do governo. Muitos têm um impacto que nunca conheceram, custam a entender que o problema é também deles, como cidadãos e futuros médicos. Com o tempo, a ficha cai e começam a ver a importância que têm quando podem transformar a realidade local por meio da saúde.

Questões como saneamento básico e reciclagem de lixo estão ligadas à qualidade de vida. Assim como a preservação das encostas, tema tão caro na nossa serra fluminense. Respeitar o próximo e o ambiente é fundamental, especialmente para um futuro profissional de saúde. O risco de apostarmos tudo na mudança da forma como estratégia de educação é que coloca sob suspeita iniciativas sustentáveis de baixo impacto. A construção civil é responsável por importantíssimos estragos ambientais, em larga escala. O processo construtivo, o consumo de recursos naturais e o destino dos resíduos estão longe de serem resolvidos.

Mas só a presença da educação ambiental não garante as mudanças de concepção de mundo necessárias para uma grande virada. O processo educacional pautado na informação, transmissão e condicionamento não vai conseguir, em tempo, promover isso. Parece que estamos numa sinuca, então. A solução está na educação? Certamente, mas essa que conhecemos não atende mais à velocidade das mudanças. Urge a necessidade de mudança radical no processo de ensino e aprendizagem. A ousadia parece que vai ser a única porta viável para o futuro da humanidade.

Saiamos detrás das carteiras de salas de aula, vamos reconhecer a rapidez de acesso à informação dos nossos jovens, a disponibilidade do conhecimento e parar de mortificar a criatividade com conteúdos desprovidos de utilidade. A saída para a formação de um profissional de saúde de verdade está na mudança estratégica, na inversão do sistema de formação, na perspectiva do amor profundo a todos os seres e na harmonia dinâmica da vida.